



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADÃO JUARES CAMÕES

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-274

Entrevistado/a: Adão Juares Camões

Nascimento: 26/10/1950

Local da entrevista: Campus da UNISINOS, São Leopoldo - RS.

Entrevistador: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 16/01/2011

Transcrição: José Patrício Cunha Pinheiro e Rangele Guimarães

Copidesque e Pesquisa: José Patrício Cunha Pinheiro

Mídia: Gravador digital

Total de gravação: 44 minutos e 11 segundos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.</p>

Sumário

História de vida e inserção nas corridas de Rua de Porto Alegre do entrevistado; sua participação em corridas regionais e nacionais; participação em corridas de rua de diversas modalidades; a Maratona de Porto Alegre; mudanças e evolução da maratona de Porto Alegre; clubes de corridas de Porto Alegre.

São Leopoldo, 27 de agosto de 2011. Entrevista com Adão Juarez Camões, a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Bom dia Camões, vamos iniciar a nossa entrevista. Eu te pergunto quando é que começou o teu interesse pelo esporte?

A.C. – Bom dia, meu nome é Camões, professor de Educação Física formado pela FEEVALE¹. É da minha família mesmo, fui incentivado pelos pais, enfim, e ali comecei no futebol, depois do futebol a gente foi passando... Vim para servir no 16º GAC², o Exército, aí o pessoal começou a me cobrar pelo curso de cabo e eu acabei migrando do futebol para o atletismo no qual me sagrei o primeiro campeão da Maratona Internacional de Porto Alegre, representando a EMBRATEL³ e a SOGIPA⁴ em Porto Alegre.

J.P. – E no tempo de escola, fazia Educação Física, como é que ocorria na escola?

A.C. – Bem, naquela época não tinha professor de Educação Física porque a Educação Física começou mesmo a “bombar” no Brasil como se diz, falando dos termos lá atrás, em 1970 com o Coutinho⁵ na Copa do Mundo que o Brasil foi campeão mundial no futebol, então naquela minha época não tinha Educação Física.

J.P. – Tu já destes uma ideia de como tu começaste na maratona, que foi no quartel, mas fala um pouco mais como foi tua iniciação na maratona, fazendo corridas mais curtas?

A.C. – Não, a verdade da história de como eu migrei para o atletismo é que eu fui correr uma prova de 400 metros (4 x 400) e eu era o quarto homem para fechar a raia e nesse meio tempo o cara passou o bastão e eu deixei cair e a equipe acabou chegando em segundo lugar. O cara me passou faltando uns 20 metros para a chegada, eu deixei cair e o outro me ultrapassou, peguei o bastão e terminei a prova. Só que a gozação foi muito grande dentro Exército que eu botei na minha cabeça: “a partir de hoje vou começar a

¹ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior do Vale dos Sinos

² 16º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado, São Leopoldo-RS, Brasil.

³ Empresa Brasileira de Telecomunicações.

⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre

⁵ Claudio Coutinho.

treinar para o atletismo”. Foi no 16º GAC aqui em São Leopoldo mesmo. E ai entrou na vida do Camões as provas curtas... Aprendi muito até chegar a ser o campeão da 1ª Maratona... E eu pelo colégio João Calábria⁶ em Porto Alegre, eu passei, eu me lembro agora no momento, eu passei pelo Internacional,⁷ comecei minha carreira na equipe de atletismo do Internacional... Os professores daquela época, entre eles o Professor Carlos Garcia, agora, vereador de Porto Alegre, me incentivavam muito. O professor Mário Cesar Cassel, da UFRGS⁸ também me deu um incentivo maior para eu vencer a 1ª maratona... Eu tive muitas passagens por clubes e fui aprendendo, na época não era divulgado como agora e quando a gente sabia, já era o dia da prova. Não se tinha uma periodização, período de alimentação, enfim, todo um treinamento, uma metodologia para chegar a um objetivo que na época não tinha; cheguei a correr três provas em um fim de semana. Uma em Novo Hamburgo de manhã, outra em São Leopoldo de tarde e à noite ia correr em Porto Alegre, era um absurdo, mas foi assim que comecei a entrar no atletismo, era uma loucura, mas era assim no nosso tempo.

J.P. – Certo, então a tua primeira vitória na Maratona foi a tua primeira maratona ou tu já tinha corrido outras maratonas?

A.C. – Não, na verdade a minha primeira maratona foi na Maratona da Brigada⁹, os caras me convidaram e eu nem sabia que era maratona.

J.P. – Lembra o ano?

A.C. – Não lembro agora que realmente esse material se perdeu. Lembro que o Paulo Silva¹⁰ foi o campeão da prova, ele era da turma dos caras de ponta daquela época com tempos superiores, eu corria porque achavam que tinha resistência, entrei como zebrão e acabei ficando em 7º lugar da Maratona e ai comecei mesmo... Como gosto de guerra mesmo, gosto de desafio, isso vai ser mais um desafio e disse: “agora vou treinar para essa tal de Maratona”. Naquele tempo não era tão falada, era maratona e pronto. Não tinha

⁶ Centro de Educação Profissional São João Calábria.

⁷ Sport Club Internacional.

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Maratona realizada pela Brigada Militar em 15 de novembro de 1981.

¹⁰ Maratonista vencedor da referida maratona, atual presidente do Clube de Corredores de Porto Alegre.

periodização, cuidados com a alimentação, lipídio, glicídio, enfim, essas coisas todas. Não tinha nem médico. Então comecei a me preparar psicologicamente, acho que em meados de 1979 início de 1980. Em 1983, eu ganhei a primeira Maratona de Porto Alegre.

J.P. – Ok, de lá pra cá quantas maratonas já correte?

A.C. – Olha, na verdade eu não sou um atleta, sempre trabalhei 8 horas. Trabalhava na EMBRATEL¹¹ nessa época, eu era *office-boy*, e o *office-boy* daquela época carregava as cartas para o Correio¹². Com um saco pesado nas costas, saía da Rua Marechal Floriano onde eu trabalhava e ia até a Siqueira de Campos¹³, levando as cartas no meio daquele público todo; esse era o meu treinamento de força que as academias fazem hoje, acho muito legal; então, esse era o meu treinamento de força e nesse meio tempo foi que comecei a migrar para a coisa e tinha muita coisa diferente.

J.P. – Nessa primeira Maratona como é que se deu a organização da prova?

A.C. – Bom, a primeira Maratona, por ser a primeira, foi aferida pelo pessoal do EUA, por que ficou a primeira Maratona Internacional de Porto Alegre, antes as maratonas não eram aferidas; então essa tem o pessoal lá do CORPA¹⁴, tem direitinho o histórico que eu não lembro bem agora. E eu não tinha nem noção, nem pensava em fazer Educação Física; eu tinha a minha primeira série e olha lá. Então que o pessoal fez, tinha assim, como é que eu vou dizer, agora até me foge da memória, mas não era bem organizada. Tinha o pessoal, a arbitragem era diferente, postos era diferente, a passagem de quilômetro por quilômetro a gente não sabia o que estava fazendo, entendeu? Mas tinha um pessoal muito bom engajado nisso aí, a arbitragem acho que era quase cem pessoas; dando água era uma dificuldade, era difícil organizar a Maratona. Também tinha em torno de cento e poucas pessoas... Vê bem, agora a gente vai nessas provas em Porto Alegre... Outro dia eu fui com o colega – com você mesmo – e aí 3.000 pessoas numa prova. Pô isso aí é fantástico, sabe em termos de evolução, para mim que corri com 116, 120 pessoas na época... Era dose e o cara não sabia mesmo... Água no percurso... Era assim mesmo, foi a primeira Maratona mesmo, a partir dali começaram a utilizar essa tecnologia toda.

¹¹ Empresa Brasileira de Telecomunicações.

¹² Correios e Telégrafo

¹³ Marechal Floriano e Siqueira de Campos, ruas do centro de Porto Alegre

J.P. – E o público, tinha incentivo? O público gostava das Maratonas, especificamente dessa primeira, qual era a participação do público?

A.C. – Olha! O público em si, era mal divulgado. Mas sempre havia os familiares, os amigos que olhavam por curiosidade, mas nós atletas sempre demos o sangue, porque a gente pensava em fazer uma maratona, sendo a primeira, a gente tinha noção de que teria mais edições. Fazíamos por amor à camiseta, não tínhamos patrocínio, corríamos às vezes de Conga¹⁵, então, foi uma dificuldade. Tenho que voltar um pouco na história porque às vezes a memória vai lá e tenho que voltar aqui, que é muita emoção que passa – estou até suando. Enfim, nós não tínhamos esse incentivo, a gente não tinha a noção, simplesmente nos diziam: “olha se tu chegar na frente tu ganha!” É uma piada, mas como é que eu vou fazer, conto com mil se é que tem, se tem morro ou não... Por exemplo, a Avipal¹⁶, o Morro do Sabão e sai lá para o Internacional... Essa Maratona foi diferente das demais, agora são Maratonas rápidas: nós subimos morro, é só pegar a altimetria, o GPS e medir... Essa primeira Maratona do Camões e comparar com as de hoje, agora os caras estão lá fazendo 2 horas e 22 minutos. Se naquela época ela fosse mais plana eu faria um tempo melhor, não teria dificuldade.

J.P. – Na tua opinião, a partir dessa primeira Maratona, como é que se deu a transição para as demais corridas em termos de organização?

A.C. – Olha! As corridas ficaram realmente melhores organizadas. De forma geral, vemos médicos, academias, pessoas com patrocínios, o que é muito bom, mas eu acho que invés de ser uma sociabilização é uma dessocialização. Não criticando a maneira do evento que está maravilhoso, fantástico, mas eu tenho atletas que não tem oitenta reais e algumas vezes eu tenho que bancar as inscrições. Nós ficamos fora das melhores provas, atletas que têm condições de representar o Brasil nas Olimpíadas estão de fora, esse é o ponto da não inclusão social, mas em termos de imagem está fantástico. Por outro lado, acho que o poder público deveria dar uma olhada nessas pessoas envolvidas; aquele cara que vai dar sangue, se não, não vamos ter atletas de nível, as Olimpíadas estão aí e eu quero ver como

¹⁴ Clube de Corredores de Porto Alegre.

¹⁵ Antiga marca de calçado fabricado pela empresa Alpargatas.

¹⁶ Antiga empresa de avicultura, fazia parte do trajeto da Maratona de Porto Alegre.

nós vamos fazer para colocar um campeão olímpico, um medalhista. Essa é a minha preocupação como professor de Educação Física. Hoje estou dando treinamento, visando isso porque temos um potencial de conhecimento. Por exemplo, atletas meus que já foram correr a São Silvestre, como o Richard Pacheco¹⁷. Em 2009, ele foi a São Paulo correr a São Silvestre, 22 mil pessoas, vamos ver como é a vida desse guri: dorme quatro horas, trabalha oito horas por dia e o cara tem essa dificuldade porque, lá são 22 mil pessoas o cara ficou em 143º lugar, saindo no pelotão C. Essa é a minha preocupação como educador social e como é que eu enxergo daqui para frente para buscar mais apoio.

J.P. – Comparando com maratonas de outras capitais, Porto Alegre teria condições de ter maior número de participantes?

A.C. – Porto Alegre teria e tem porque os melhores atletas estão aqui no Rio Grande do Sul, porém mal incentivados. Muitos caras, que já saíram daqui da minha época e não da minha época, eu tento acompanhar alguma coisa, Elói Rodrigues Schleder¹⁸ é de Passo Fundo foi lá em Frankfurt na Alemanha e ganhou fazendo um bom tempo. E o Diamantino dos Santos¹⁹, dentre outros que saíram do Rio Grande do Sul. O que eu vejo é a falta de incentivo “um envolvimento” maior dos órgãos públicos. As empresas devem olhar para isso, pois todo mundo ganha. Ganha em termos de saúde, o clube também, o atleta, o nosso Brasil, a educação. Trabalhei quatro anos no Bairro Canudos na cidade de Novo Hamburgo, lá tem atletas meus que estão na SOGIPA. Então deveria haver mais envolvimento das empresas, dos órgãos públicos, ter uma premiação melhor, por exemplo, o pessoal de Canela e Gramado²⁰, reclama que não tem incentivo para correr na Capital, porque é caro. Como eles podem pedir dinheiro para a empresa e depois chegar lá em milésimo ou não chegar a lugar nenhum, já que só premiam só os três primeiros”. Isso é ruim para quem gosta do esporte, e ver as pessoas querendo fazer e não conseguindo.

J.P. – A Maratona pela sua forma de premiação tem um diferencial em relação às outras provas?

¹⁷ Atleta gaúcho treinado e revelado pelo entrevistado.

¹⁸ Elói Rodrigues Schleder, maratonista gaúcho de nível internacional dos anos 1980.

¹⁹ Diamantino dos Santos, maratonista gaúcho de nível nacional dos anos 1990.

²⁰ Cidades da serra gaúcha.

A.C. – Sim, é um diferencial. Você vê a Meia Maratona do Rio “que todo mundo queria disputar a final”, lá tinha 19.000 participantes, porque aqui no Rio Grande do Sul não tem 19.000 participantes? Eu não sei qual foi a premiação dos quenianos lá, mas porque que eles não vem correr aqui? Isso eu me pergunto. Será que existe alguma diferença? É obvio que tem. Não sei qual a premiação que os quenianos ganharam, mas os brasileiros sempre ficam bem colocados, fazendo bons tempos, quer dizer, os brasileiros sempre têm a esperança de ganhar depois do Frank Caldeira e do Marilson Gomes dos Santos ²¹. Isso quer dizer temos só o Marilson e o Frank Caldeira e o resto como vai fazer? Então o pessoal tem que trabalhar esta parte, tem que incentivar, temos condições, temos potencial humano aqui mas temos de trabalhar mais; trabalho de base mesmo, nas escolas, nos clubes, tem que ter todo um movimento da sociedade para se formar atletas olímpicos, a gente tem condições de fazer isto.

J.P. – Em sua opinião, quais benefícios um evento grande como a Maratona traria para a uma cidade como Porto Alegre?

A.C. – Vários! Por exemplo, o turismo traz gente que gasta mais dinheiro conosco, daí uma maior arrecadação, maior integração social, pessoas com outras linguagens, outros uniformes, outros costumes e com isso se traria mais incentivo para o pessoal daqui. Tem um queniano, um francês, um americano. Isso é um intercâmbio social. As pessoas começam a investir mais naqueles que tem mais necessidade, naqueles que não querem estudar, na parte da educação, naqueles que já não tem um hábito de se alimentarem bem, então muda todo um sistema; a mídia já vai ganhar, já vai se desenvolver um trabalho dentro da mídia televisiva, informática, todo mundo vai ganhar com isso... Se a gente, como um pólo de esportes aqui dentro do Brasil, gerasse muitos valores além da hotelaria, as pessoas vão vir para cá e vão querer também conhecer. Por exemplo, Caxias do Sul²², entende? Enfim vai gerar uma grana boa, tanto na parte social, como na parte cultural, biopsicossocial, isso que é legal.

J.P. – Qual a importância dessa prova ser realizada e organizada por um clube de corredores?

²¹ Marilson Gomes dos Santos e Franck Caldeira, maratonistas brasileiros. Representaram o país nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012.

²² Cidade da serra gaúcha.

A.C. – Tem que ter um trabalho muito atento dos clubes, pois não consegue segurar patrocínios, empresas, colocar o nome do cliente no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina²³... Eu já corri no *ranking* 1999, quando eu estava inteirinho ainda, não me recuperando de lesões; eu corri lá e todas as empresas botam um prêmio para as pessoas e o pessoal ajuda. O cara que está ganhando o prêmio lá no pódio tem atrás o nome do patrocinador, de quem ajudou. Precisa de muita ajuda para a gente fazer este trabalho. Porque o que a gente observa é que falta mais apoio para o pessoal trabalhar, tem gente que quer trabalhar, mas não estão se integrando, botando no papel, para cada um ter sua missão e trabalhar em cima disso e fazer uma grande Maratona. A gente tem condições, mas tem que trabalhar todo mundo, tem que trabalhar nas escolas, nos clubes, tem que começar a montar um esquema legal, e depois de um tempo ver o que tem montado para fazer uma grande maratona, premiação em dinheiro. Ai a gente poderia tentar fazer um trabalho assim. A gente tem moral, todo mundo esta falando que a Maratona de Porto Alegre está crescendo, está tendo uma repercussão boa. Há pouco tempo eu estava correndo a Maratona de Florianópolis e o pessoal comentava da Maratona de Porto Alegre. Temos um bom trabalho, mas precisa de mais gente, as grandes empresas, mais incentivo para o esporte.

J.P. – Qual a sua relação com este esporte, a corrida e a Maratona já que você é um professor de Educação Física?

A.C. – A Maratona já envolve toda uma cidade, todo um país, sempre vai ter estrangeiros no meio e eles vão levar uma imagem do país para fora; é uma coisa mais delicada, tem uma parte técnica muito delicada, já a corridas já é uma parte mais flexível da coisa que deve ser mais trabalhada, até visando uma maratona para você tirar valores dali. Um cara que tem potencial para resistência, um cara que tem potencial para velocidade, fazer um trabalho legal, e assim montar uma equipe para representar o Brasil. Então são duas extremidades delicadas de trabalhar porque envolvem mais pessoas, enfim, tem de ter todo um aparato que funcione. De repente começa a fazer uma maratona de grande nível,

²³ Referência às maratonas que ocorrem nas capitais dos estados citados.

precisa ter segurança. Não faz muito tempo o Vanderlei Cordeiro de Lima²⁴ foi agarrado por um cara lá na Maratona.

E a corrida é um pouco mais *light* precisa ser mais trabalhada, mais elitizada, coisa mais no sentido de trabalho científico, fazendo trabalho de base e depois a gente visar uma grande maratona. Eu estou fazendo um trabalho de base, trabalhando o jovem, tirando ele da ociosidade, fazendo-o estudar. Por exemplo, aquele que eu citei o Omar, lá dentro da SOGIPA, então, você pode conversar com ele, eu incentivava ele a estudar, porque ele foi para a SOGIPA, porque ele ia ter faculdade lá. Isso foi o Camões que foi lá falar de você, trabalhar este carinho lá, gente quem tiver nota vermelha não vai passear com o professor, eu não dizia por causa da faixa etária, fim do trimestre eu queria saber as notas, se tinha nota vermelha ia estudar para melhorar a nota pois meu objetivo não era formar atletas e sim formar cidadãos que sejam úteis a nossa sociedade; mas isso a gente pode começar tanto pelo atletismo, como pela dança, pelo vôlei, pelo basquete, enfim, agora depende do profissional e de como ele vai incentivar o cara a passar estas barreiras e chegar a ser um campeão de saúde, um campeão que pode dali para a frente trabalhar mais pessoas, agregar mais valores. Esta é minha preocupação, então, o cara tem que ter um trabalho muito minucioso até fazer este cara chegar, que nem o caso do Litchie²⁵ que é um cara que, não vou falar as coisas particulares dele, que é antiético, às vezes eu tenho que conversar com ele mais tempo do que eu estou conversando com você para ele fazer um treino aqui na pista da Unisinos²⁶. Ele não é aquele cara, ele dorme duas ou três horas e eu tenho que segurar ele na empresa, o que ele me fala... Então eu tenho que bater um papo, eu tenho que cuidar dele, como? Ele é um pai e uma mãe porque ele é o único que tem o sustento, dá o sustento para a família, e o cara tem potencial, tanto que está ai nos jornais, tem um potencial que está brigando com os caras, no bom sentido da palavra, com os caras da SOGIPA. Mas eu tenho que trabalhar com o quê? Com o cara atleta, o ser humano, como eu digo pai e mãe porque ele paga tudo; e tem o desempenho também das provas, então, eu tenho que fazer toda uma planilha de treino dele mas para fazer um treino dele aqui na pista eu tenho que conversar meia hora com ele. Ele diz: “olha professor eu estou cansado, estou com problemas na família”. E ai você vê o que você leva para fazer um atleta e não estou falando de um atleta de ponta, um campeão brasileiro, e sul americano e mundo. E

²⁴ Vanderlei Cordeiro de Lima, maratonista brasileiro de nível internacional, medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

²⁵ Atleta iniciante treinado por Adão Juarez Camões.

²⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

ele tem condições de vitória, se você vê o abatimento dele você vai se abismar, o abatimento dele é lá embaixo mesmo. Ele é um cara que tem um potencial, mas como é que eu vou trabalhar o potencial dele? E esta é minha ocupação, o trabalho de base, até montar este atleta.

J.P. – Voltando um pouco lá para o início de sua carreira esportiva, naquela época tinha mais competidores do que agora?

A.C. – Bons competidores, digamos que sim, mas assim meio isolados em termos de praticantes. Mas competidores... Se tu fores comparar aquele tempo, como está dando esta gurizada aqui com todo o carinho, com todos os energéticos que tem por ai, academias e reforço muscular... Olha! Os carinhas daquela época andavam, porque eu fui fazer um teste neste meu garoto 25x400²⁷ e o cara chegou no 15º e ele abriu o bico... Eu cansei de dar vários tiros de 400 lá na SOGIPA na década de 1980... Sabe! Eu não sei o que está rolando, mas naquele tempo o pessoal tinha amor à camiseta, a gurizada também tem amor à camiseta, mas está faltando alguma coisa; a gente pode dizer que a alimentação da época era outra, você comia coisas mais naturais, acho que é um dos segredos que o Camões está com 60 anos... Vou correr em Farroupilha²⁸ amanhã e corri duas provas, uma no sábado passado e outra no domingo, mas eu quero dizer que a alimentação, tem alguma coisa, a genética, que é uma coisa que eu vou pecar, mas eu sei que naquela época nós íamos prá pauleira mesmo, tinha amor à camiseta; e também os empresários, a maioria da direção ia assistir as nossas corridas, isso me emociona. O pessoal da EMBRATEL aplaudia a gente, antes nós éramos a base de 25 empresas, inclusive internacional corria junto. Então naquela época eles participavam mais, se tinham que te levar até Viamão²⁹, a equipe dos Correios ia, a equipe da EMBRATEL ia, a equipe da SOGIPA. Agora a gente tem que se quebrar para conseguir uma passagem de Trensurb³⁰ para o cara ir à Porto Alegre, correr na Redenção³¹... Estou ranqueando na Redenção, estou ranqueando em São Leopoldo, na minha faixa etária, estou ranqueando lá em Esteio, mas o que é isso? A gente tem que colocar uma migalha de dinheiro para poder tentar, e naquela época não, o pessoal mesmo da direção que estava com a gente lá: “não, vocês chegam aqui numa lancheria e comem o

²⁷ Vinte e cinco voltas em pista de 400 metros, o que corresponde a 10.000 metros rasos.

²⁸ Cidade da serra gaúcha

²⁹ Cidade da Grande Porto Alegre.

³⁰ Trem que atende aos passageiros da região metropolitana da grande Porto Alegre.

que vocês quiserem.”, mas dentro do trabalho. Agora a gente fica, com novas tecnologias, nova nutrição, tem um tempo para comer, agora a gente passa, eu vou correr aí com este cara o Litchie - a gente corre lá na Redenção e depois a gente vai jantar em casa já tarde da noite. Então quanto tempo que isso está defasado, isso que eu estou falando que eu aprendi um pouco na faculdade, na Universidade há pouco tempo. Eu me formei em 2009, então, eu aprendi um pouco destas coisas de bioenergético e estou aprendendo. Mas eu começo a comparar aquele tempo com o agora e as dificuldades que o pessoal não está acompanhando. Antes o chefe estava ali: “quanto é isso aí?” E pegava o cheque, fazia a prestação de contas, gastei tanto com 20 e 30 atletas dos caras que estão representando a empresa... E agora a gente não tem mais; eu tenho que colocar do meu bolso se quiser correr e não dá. Tem que ter passagem e alimentação, em alguma hora você tem que comer alguma coisa, não tem energético... Mas agora tem energético, mas também falta dinheiro para este atleta ter o energético, quer dizer, é uma disparidade dentro deste emaranhado de formações boas e o cara tem que familiarizar isso, tem que ter uma linha de raciocínio para chegar a isso, e naquele tempo ainda se tinha isso. Então eu acho que também o incentivo moral, que nem eu te mostrei esta foto do tempo da UFRGS: ali o cara estava correndo, mas tinha um monte de diretor, e daí chegavam e diziam: não pessoal, é por nossa conta, chegava ali comia... Mas não é o fato de comer... E agora a gente tem todos os aparatos, para detonar e eu não consigo enxergar este detonar bonito...

J.P. – Então este crescimento foi benéfico ou não?

A.C. – Olha benéfico no sentido de se divulgar o esporte, mas por outro lado, como é que a gente vai ajudar depois, que ele está bem? Por que tem médicos especializados nota mil, os organizadores com todo o aparato tecnológico, nota mil também. Mas eu fico olhando, e cadê os atletas? Conforme este caso que eu estou te falando, quer dizer lá atrás em 1978, 1980 até, enfim, os caras iam lá, os caras iam te incentivar, o cara de gravata e era lindo. E tu sabias que depois daquilo ali o chefe ia te dar um lanche porque tu terminavas a prova esgotado, e agora a gente vê que isso não tem. Quem é o atleta? É o cara que veste a camiseta mesmo, porque quando o cara está dando tudo... Mas comigo não tem isso, tem nota boa tu vai competir! O que eu quero dizer: se tu tens o cara lá na empresa trabalhando pra ti, tu vais ser promovido dentro da empresa; agora obedece teus superiores, enfim,

³¹ Parque Farroupilha, Porto Alegre.

porque você é subordinado, então todo o trâmite legal para o cara chegar. Tanto que eu te mostro aqui um ex-aluno meu que é sargento, está aqui o documento... Vou pedir autorização para ele porque o cara é mais graduado que eu, eu sai como cabo. E ele está fazendo Educação Física na FEEVALE. Estes valores que a gente trabalha Educação Física.

J.P. – O que representou o atletismo para na tua vida?

A.C. – É difícil responder sobre o atletismo, porque na minha vida significou que eu estou crescendo e o meu crescer não tem limite; que sou bitolado a muitas coisas porque eu não tinha poder aquisitivo. Fui criado no interior com pessoas pobres, trabalhei na roça, depois da roça fui para o Exército, tive pouco tempo para estudar, então eu ainda estou em evolução, eu ainda estou crescendo E não dá para dimensionar. Estou pensando em atletas, quer dizer já estou passando algumas coisas. Então minha vida, não sei, está crescendo, estou aprendendo e com esse meu aprendizado vou tentar buscar mais gente para este caminho. Mas saber como vai terminar, é incalculável, é uma coisa infinita e eu vou dizer que nossos sonhos não tem limite. Quer dizer, eu não sei ainda, estou indo para Farroupilha³² amanhã e eu te responder o que significou? Olha ainda está em andamento. É que eu ainda quero trabalhar com um pessoal da terceira idade, da melhor idade, quer dizer, estou com sonhos, não sei, a vida está em evolução, estou crescendo ainda e está muito bom e isso eu tento passar para as pessoas... Aqueles que estiverem pedindo o meu conhecimento, o pouco que eu sei de conhecimento, eu faço isso ai. Sobre isso da evolução, ainda está em andamento, a gente ainda não finalizou isso. O meu sonho mesmo é fazer um campeão olímpico.

J.P. – Tu achas que a Maratona, especificamente a de Porto Alegre, contribuiu para o crescimento da modalidade ou então do movimento de corridas em Porto Alegre ou até mesmo na região metropolitana?

A.C – Realmente evoluiu, isto está contribuindo muito. Desde a primeira Maratona está uma coisa fantástica, porque cada ano cresce o número de participantes e a gente vai para fora para outros estados e as pessoas perguntam quando é que tem a Maratona em Porto

³² Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Alegre? Eu já fui para o Rio de Janeiro, São Paulo, tenho colegas lá. Em São Paulo tenho colegas para correr... Está bem falado, realmente contribuiu muito! Tanto é que estes movimentos que estão crescendo, enfim, eu creio que os caras estão pegando o gancho de lá... Com certeza a Maratona realmente abriu caminhos, também tem academias e é fantástico; a Maratona deu nota mil assim de olhos fechados porque a evolução que está tendo, todo mundo perguntando.... A capital do esporte virou Porto Alegre porque aqui realmente é fantástico, todos os eventos estão havendo. Antes, como eu falei, a gente tinha uma prova por ano que era a Maratona; agora você vê quantas tem durante o ano: tem a própria Maratona, o aniversário da SOGIPA sempre teve, mas agora está mais intensificado; a Maratona realmente levantou a poeira aqui em Porto Alegre e dentro do país, isso é fantástico, estão de parabéns... O pessoal que está e espero que continue investindo na Maratona e que dê uma olhada nas faixas etárias... Algumas coisas para botar, muitos atletas bons que ainda podem dar bons exemplos para esta gurizada, que os velhinhos estando ali com os guris; o velhinho está ali de cabelo branco, está careca, eu estou inteirinho, vou correr. Sabe um incentivo... Se começar já a cortar as categorias muita gente vai ficar de fora, pois não podem pagar a inscrição por ser cara demais e ainda sem premiação nas faixas etárias. Eu gostaria até de dar uma estudada nesta parte, o que está acontecendo que está vindo o pessoal diferente para promover as provas e parece que a categoria está ficando deixada de lado. Se não ajudar a categoria, olha não sei, só vai correr as academias, nada contra, que bom. Mas, e o pessoal, o povão, o pessoal que veste a camiseta, pessoal que gosta e que leva sua família, seus netos? Que bacana que agora está vindo netos... No meu tempo não tinha neto, porque ninguém conhecia, agora vem neto, vem cachorro, vem namorada, é fantástico. Espero que os caras continuem com a primeira Maratona e continuem com o esporte, mas deem uma olhadinha com carinho nas faixas etárias; não falo pelo meu caso, mas por um monte de pessoas que veem me solicitando e cobrando de certa forma; gente jovem, gente de vinte cinco, dezoito anos, porque se eu for correr já estou na faixa de adulto, como é que eu vou correr? Como é que eu vou correr com o fulano? E outros... Como a gente viaja? Pega dinheiro da empresa e chega lá, e dizem: “pô cara tu chegou em 500, o que tu quer?” Mas de repente o cara chegou em 1º na categoria, em 3º na categoria, já um cara da empresa: “o que eu quero com o atletismo?”. Boto um cara para correr, um Camões, e ele fica em 20º, mas o Camões pegou quem? Um queniano pela frente. Então, tem de ter estas categorias no mínimo 5 de cada categoria porque não dez? Quanto mais abrir o leque, mais as empresas vão olhar, eu penso assim.

Agora as Olimpíadas em 2016... Nós estamos cheios de provas; fantástico! Agora só vai subir se o cara começar a excluir esses caras que vem de fora: de Erechim, de Gramado, de Canela, de Caxias do Sul, de Farroupilha³³ etc... Enfim, os caras já não estão vindo mais... E tem provas que os caras estão fazendo... E eu já observei isso no interior e eu não sou sócio da prova e nem nada, os caras estão fazendo prova paralela com outras provas e a Maratona de Porto Alegre porque os caras não tem dinheiro para pagar os 60 reais do valor da inscrição ou 80. Foi o caso de domingo passado, se for ali em Sapucaia do Sul³⁴ tem cara de elite, nada contra, mas às vezes o pessoal não tem dinheiro para pagar os valores e acabam ficando fora.

J.P. – Tu falaste em corridas paralelas no dia da Maratona. Tu achas que isso trás algum benefício para a Maratona?

A.C. – Olha, não trás porque o público fica excluído; porque teria maior número de participantes, mas público espectador, não. Enfim, eu acho ruim esta parte, porque isso é toda uma sequência; eles fazem esse evento porque não tem como participar da Maratona; uma também é as categorias e esses eventos pequenos, digamos dito pequeno, com todo o respeito, ainda bem que estão fazendo, não estou contra nenhum evento, estou me posicionando, ainda bem que estão acontecendo mas para agregar mais valores todos deveriam ir para a Maratona de Porto Alegre. Claro que a Maratona agora está legal, estão botando 5 quilômetros! Parabéns estão botando dupla: ótimo, excelente, são coisas fora da minha época em que eu estudei na universidade, mas também estou acompanhando de longe. Ótimo, meus parabéns, mas só tem que dar uma olhada porque não sei como vão fazer para voltar... Agora todo mundo está pagando 80 reais porque vai ter sempre gente querendo fazer prova fora ou paralela com a Maratona pelo prazer de correr... Como agora no domingo passado que teve uma prova com chamada na televisão que eu vi; eu estava almoçando aqui em casa, coisa que no meu tempo não tinha essas chamadas de televisão... Fantástico, parabéns! Mas o que os caras fizeram? Camões, não temos dinheiro, vamos fazer os 50 anos de Sapucaia do Sul. Deu uma base de, não quero te mentir, quase trezentas pessoas, porque estas trezentas pessoas vão lá, entendeu? Ah ai é isso é uma boa né, inclusão social através do esporte. Toda a sociedade trabalhando, não só colocar em cima dos nossos professores de Educação Física, nossos professores de escola; é tudo legal, todo

³³ Referências a algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul.

mundo conversando, qual é a necessidade, vamos botar no papel, botamos e a partir de agora do papel, vamos engavetar? Ai é complicado, a gente vai falar e não vai conseguir sair disso... E a gurizada, a gente vê muitas pessoas... Eu prefiro um *crack* com um tênis no pé, do que um *crack* portador do *crack*. E a gente começa a não pegar esta turma lá de base, quando olha estamos sendo assaltados, enfim, quanto custa um preso e quanto custa um atleta? São as duas perguntas que eu faço. E nós, professores de Educação Física, vamos ter que encarar porque somos profissionais de Educação Física. Bom, a criminalidade. Isso é o meu olhar do é que a Educação Física, então eu enxergo, mas tem muitas dificuldades, começa na família já; esta é a minha grande preocupação com tudo isso que está ai, mas acho fantástico o que está rolando, continuo fazendo esporte, mas dando uma olhadinha naquelas pessoas mas necessitadas e como vamos fazer.

J.P. – Bom, então muito obrigado, foi muito bom gostei muito da entrevista, porque tu trazes uma contribuição social importante para o esporte cumprir a sua função social, porque traria para a sociedade uma contribuição muito grande.

A.C. – Tanto histórico como também resgatar os valores, tem valores que estão atirados; o cara tem condição mas ninguém vai lá ver. Eu me preocupo em descobrir talento; talento todo mundo tem, mas tu ter o olho clínico e transformar ai é outra história. Você não vai aprender em Universidade aquele negócio que você já vem de lá e vai amadurecendo; tu vens acompanhando de certa forma, que nem o Professor Davis³⁵ que disse para mim “Camões, tu vai ganhar a primeira Maratona!” Me emociona isso, ele não está ai mas com certeza ele está me dando força para eu lembrar do nome dele.

J.P. – Eu agradeço mais uma vez. Muito obrigado

A.C. – Eu que agradeço também a oportunidade de estar colocando algumas coisas do esporte. Parablenizo-te pelo trabalho, e que o altíssimo abençoe você e a nós também.

[FIM DO DEPOIMENTO]

³⁴ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

³⁵ Alexandre David, treinador de atletismo de origem húngara, que ministrava treinos a diversos atletas, nos anos 1980, na pista do Parque Ramiro Souto situado no Parque Farroupilha.